

MARIANA FILGUEIRAS  
mariana.filgueiras@oglobo.com.br

**D**ias depois da morte do pai, que aconteceu às 21h de 31 de dezembro de 2011, a artista visual Leila Danziger foi organizar seu apartamento. Lá, revirando documentos, abrindo gavetas e sendo observada o tempo todo por uma gata, descobriu que o silêncio habitual do velho imigrante alemão não era à toa — ele falava pelos objetos que havia reunido ao longo dos seus 90 anos de vida.

Entre jornais velhos, contas pagas e manuais de eletrodomésticos, havia uma curiosa coleção de agendas em branco. Calendários de anos aleatórios como 1972, 1985, 1993; alguns em hebraico, outros em inglês; brochuras com mapas ou de bolso; cadernetas de toda sorte de organização de dias. Foi do desejo de preencher toda aquela existência em suspenso que surgiu o livro de poesias "Ano novo", que acaba de ser lançado pela editora 7Letras (não por acaso, na virada de 2016 para 2017).

— Meu pai morreu a poucas horas do réveillon. A desmontagem do apartamento sugeria um ano novo, ao mesmo tempo em que estava carregada de memórias de anos anteriores. Fiquei imaginando por que ele guardava agendas em branco, certificados de garantia de objetos que nem existiam mais. Ele era muito silencioso e, ali, quem falava eram os objetos. Era todo um imaginário de perdas e heranças ao meu redor — conta Leila, que teve um dos poemas do livro antepago pela coluna Risco, de Carlotto Azevedo, no GLOBO, em dezembro de 2014.

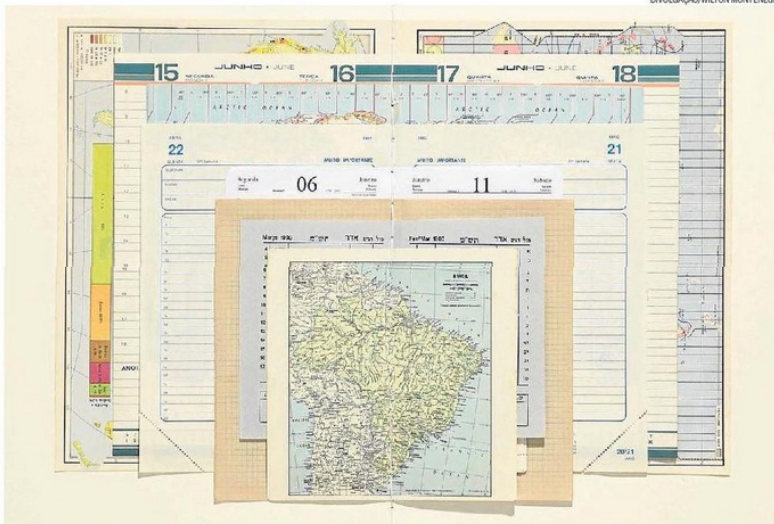
Aos poucos, todo aquele referencial virou matéria: Leila começou a escrever excertos de crônicas, ora em forma de prosa, ora como versos soltos. Buriados pela autora por quatro anos, de 2012 a 2016, os textos tomaram corpo de poesias e foram divididos em três eixos temáticos: "Economia", sobre a desmontagem do apartamento do pai; "Ano novo", sobre as expectativas de futuro; e "Irene e Martha", com sugestões de interpretação de uma foto de família peculiar que guarda consigo ("A foto é um pedido/ sigo de braços dados com as duas mulheres/ sob o fundo infinito/ de uma curva da cidade/ eu não havia nascido./ Visto seus vestidos de festa/ guardados no armário de minha mãe/ e brinco de avó de mim mesma").

## Poesia e artes visuais

# ANO NOVO É TODO DIA

Em livro que mistura linguagens, Leila Danziger dá vida às memórias deixadas pelo pai

DIVULGAÇÃO/WILTON MONTEGRO



**Memórias.** O livro é ilustrado com imagens da obra "Todos os dias de nossas vidas"



— Minha obra em geral fala dessa temporalidade. Talvez o ano novo do livro seja o ano novo possível em cada dia comum. No futuro escondido na memória dos objetos — diz a artista, que também é professora do Instituto de Artes da Uerj e aos poucos se acostuma a ser chamada de "poeta" (seu primeiro livro de poesias, "Três ensaios de fala", é de 2012).

Os 44 poemas que compõem o livro são ilustrados por uma série de 16 imagens de objetos construídos com

páginas das agendas do pai misturadas a agendas de Leila, que vão da década de 1940 a 2016 — obra visual que já esteve exposta em 2015 na Caixa Cultural com o título "Todos os dias de nossas vidas", e que será exibida neste ano na galeria Topographie de l'Art, no Marais, em Paris. ●

**"ANO NOVO"**

AUTORA: Leila Danziger; EDITORA: 7Letras. PÁGINAS: 87. QUANTO: R\$ 38.

▼ **Trecho**  
"Ano Novo"

'Estou ali, no centro de seus mundos em extinção'

Desejo apenas o que há de mais inútil em seus arquivos — certificados de garantia de todos os eletrodomésticos obsoletos manual da Kombi de 1970 pocket books

(tantas capas de naufrágios) dezenas de fitas magnéticas com camadas de ruídos em tempo longuíssimo.

Leio 30 anos de nossas vidas em fichas de débitos e créditos — estou ali, no centro de seus mundos em extinção.

Recolho promessas de sua língua da infância — calcinações do solo perdido e prospectos intactos na língua renascida (alef-beit incandescente).

Reviro blocos de décadas cuja integridade se rompe ao meu contato e entendo —

brinco de céu e inferno com os objetos

sou o Além das coisas remotas (...) Solto as páginas das agendas libero os dias embaralho semanas, meses, anos modelo a massa do tempo que foi seu

— entre 1921 e 2011 — um intervalo colossal de eternidade humana.

Misturo minhas agendas às suas extensões de branco sobre branco e reservas de futuros intactos

projetam-se para além do fim dos tempos que teve início em trinta e um de dezembro ou cinco de Tevet.

[Indiferente, a gata atravessa calendários e adormece em maio de 1972.]